

Gente de Fibra Ótica

Amélia segurava o cabo trançado de fibra ótica de um dos lados e Amílcar do outro. Sobre o cepo de matar e desmanchar animais, com o cutelo bem afiado, Amílcar separou o cabo em dois com um golpe seco e único. Cada um ficou com a sua metade, com cerca de 20 centímetros.

O cepo de matar e desmanchar animais provinha do talho dos Visgados, uma família que vivia, em boa parte, do abate ilegal de animais. O Estado, através da Polícia dos Alimentos e Bons Costumes, fechara as instalações, leiloando todo o recheio. Amílcar e Amélia compraram o cepo e algumas facas e cutelos para decorar a casa onde resolveram viver. O cabo de fibra ótica destinava-se a mais uma peça de decoração artística moderna, pensavam, para colocar numa das paredes mais despidas da casa, como ícone da célere comunicação global dos dias de hoje.

Dizia-se que o Visgado mais velho, conhecido como o Estripador – de tal modo abria e arrancava as vísceras aos animais, ainda meio vivos a estrebuchar e talvez porque apanhara sífilis numa espelunca de putas, tendo algumas morrido misteriosamente -, se colocara à frente do Chefe da Brigada impedindo-lhe a passagem. Um tiro à queimadura na testa atirou o corpanzil contra a porta do açougue, nem sendo preciso chave para entrar. Há a versão dos amigos que diziam que se havia suicidado com honra em defesa do clã familiar, que comandava com mão de ferro e voz de trovão entrecortada por arrotos de bagaceira de figo. Outros, mais íntimos, que fora a forma mais expedita de por termo à vida evitando o sofrimento e desonra que a sífilis infligiria a ele e a toda a família.

As pontas cortadas desafiaram a gravidade, dobrando-se para cima em direção ao rosto de ambos e, ao subir, iam desfiando-se do cabo em finos

filamentos que começaram por entrar pelas narinas, ouvidos e, depois, pelas bocas, abertas de espanto e de uma impressão difusa, longe da dor.

Depressa os filamentos desapareceram no interior dos corpos, multiplicando-se e acompanhando, paralelamente, cada vaso do sistema circulatório, até ao mais pequeno capilar, e o sistema nervoso, a par de cada nervo até às mais exíguas fibras cerebrais. Restou a capa contra interferências eletromagnéticas.

O cabo de fibra ótica ficara das obras do apartamento que haviam comprado nos arredores da Cidade. A casa estava equipada com a mais recente tecnologia. Os eletrodomésticos podiam ser comandados à distância pelo telemóvel. O frigorífico fazia a autogestão dos produtos normalmente consumidos, debitando para a impressora Wi Fi a lista de compras semanal. A rede informática caseira permitia o acesso à internet em qualquer ponto da casa, mesmo na sala de banho. A temperatura, interior e exterior, e a previsão do tempo corriam em legenda nos computadores fixos e portáteis, nas televisões e, em pormenor, nos monitores da sala e cozinha da míni estação meteorológica. Quase todos os equipamentos obedeciam também a comandos de voz. Como os televisores, gravadores e leitores de imagem e som, micro-ondas, cilindro de aquecimento de água, luzes por setor, jacuzzi – direcionando e variando a intensidade dos jatos de água -, ligação e regulação da temperatura central e até a variação das mensagens produzidas pelo colchão da cama de casal, deleite de ambos.

Compreende-se, assim, que, além do susto, Amílcar e Amélia, apesar do estranho fenómeno e da quantidade de fibra ótica absorvida, não tenham dado importância de maior ao sucedido. Na verdade, usavam-na e respiravam-na como um elemento indispensável que fazia parte integrante das suas vidas.

Talvez por isso nem tenham pensado em procurar auxílio, dando ordem verbal para o portão da garagem abrir e usarem o seu Land

Rover para chegar rapidamente à Urgência de um Hospital. Beberam um copo de leite – que, nas memórias que guardavam dos bisavós, era um antídoto para muitos venenos, admitindo remotamente que a fibra ótica pudesse conter algum elemento tóxico...

Calmamente, como se nada tivesse acontecido, resolveram ver um filme de ação em 3D que tinham comprado no dia anterior. Os estores fecharam com uma simples “fechar estores” e a sala escureceu realçando a imagem do televisor gigante na parede em frente aos sofás.

Com os óculos 3D colocados, Amílcar e Amélia desfrutavam as imagens da tela confortavelmente instalados em sofás de couro castanho-escuro, com diversas colunas e dois *subwoofer*, colocados estrategicamente pela sala. Com o sistema de *home theater*, os altifalantes debitavam muitos decibéis de som, fazendo trepidar alguns objetos decorativos ou da garrafeira, varrendo com um ressoar arrepiante o chão e as paredes, como se estivessem dentro de cada cena.

O filme começava por imagens aquáticas de um possível vulcão prestes a explodir. A água aquecida de repente, pela lava incandescente, afastava todos os seres marinhos com a velocidade que o criador lhes permitira. Os camarões com grandes antenas saíam do *écran* e corriam para o meio da sala, parecendo ir chocar com Amílcar e Amélia.

- Apanha alguns! – Gritava Amélia, rindo toda excitada. Amílcar sorria, enquanto fazia o gesto de agarrar as imagens projetadas pelo 3D.

- A moreia mordeu-me! – Gritou de novo Amélia.

- E agora vem aí um tubarão... Tem cuidado! – Retorquiou Amílcar a gozar.

Mas o tubarão veio mesmo, esfumando-se de seguida. Com a boca aberta, mostrando os dentes horripilantes de predador implacável. Amílcar, numa última fração de segundo, dobrou-se todo para o lado de Amélia, mas ainda sentiu o

impacto no ombro esquerdo. Do lado oposto onde se encontrava Amélia. Olhou então para ela, preocupado, vendo que agitava a mão esquerda ensanguentada e sem alguns dedos. De imediato levou a mão direita ao ombro com que o tubarão chocara e sentiu-a molhada, parecendo-lhe ensopada em sangue. “-Luz... todos os setores... ligar!”, Todas as luzes da sala acenderam-se, enquanto tiravam os óculos 3D, em pânico. Levantaram-se e olharam demoradamente para a mão e para o ombro. Não faltavam dedos, não havia danos no ombro e nem vestígios de sangue. E as mãos? Estavam de facto molhadas, mas não de sangue. Antes, de um líquido castanho-escuro com uns laivos esverdeados e pegajosos.

Mais um valente susto, o segundo na mesma tarde. Lavaram as mãos e o líquido desapareceu fácil e completamente. Resolveram então desligar todos os equipamentos e luzes da sala e sair para espairar e jantar. Como se as emoções, apesar de muito fora do normal, pouco os afetassem.

O mais curioso é que nem davam já qualquer importância ao facto de terem fibra ótica no interior dos corpos. Como se isso fizesse parte da remodelação da moradia e fosse mais um prolongamento da extensão dos cabos e ligação dos equipamentos... Sorriam, quando se lembravam do sucedido. A verdade é que não sentiam qualquer diferença dentro de si. Tudo parecia normal e até, em abono da verdade, experimentavam uma disposição e agilidade de movimentos que os entusiasmava.

Já na rua, pareciam levar com os ténis sobre as passadeiras e passeios, caminhando numa velocidade pouco usual e que atraía olhares curiosos dos transeuntes. Os pés não assentavam no chão, caminhando como sobre uma fina almofada de ar que projetava os corpos um pouco para cima mas, sobretudo, para a frente numa passada rápida e mais comprida que o ângulo das pernas. Pararam junto de um restaurante que anunciava, em néon: “Comida asiática – Chinesa e Japonesa e Outras”. Entraram, mais por curiosidade do que adeptos

de comida exótica e de fusão. Nisso eram fiéis à comida de plástico e a umas sandes de qualquer coisa sem calorias. E o Ginásio mantinha-os com corpos invejáveis.

A comida de fusão estava na moda, com muitos adeptos por todo o Mundo, mas os “Outros” era, de facto, uma incógnita, sobretudo para não adeptos esclarecidos da gastronomia exótica. E, na verdade, não havia qualquer fusão neste caso. Apenas diferentes pratos de comida asiática. A zona de buffet apresentava pouco de outras, mas bastante de comida chinesa e japonesa.

Amílcar e Amélia retiraram os pratos e começaram a conjeturar, em surdina, a comida que haviam de escolher, já que a desconheciam. Amélia apontou com o dedo para qualquer coisa parecida com chamuças, mas, antes de a retirar com a pinça de metal, uma voou literalmente para o seu prato. Amílcar apontou para outra iguaria e os camarões e acompanhamento fizeram uma espécie de feixe entre a travessa de metal e o prato. Felizmente, ninguém estava próximo deles naquele momento. Na verdade, começavam mesmo a habituar-se a esta nova condição. Amélia colou uma mão sob o prato e deixou-o, por momentos, no ar. E o prato não caiu. Ficou firme, no mesmo lugar, movimentando-se apenas quando empurrado.

Voltados à mesa, com os pratos cheios de comida variada, impunha-se usar a faca e o garfo ou os fachi – os conhecidos pauzinhos. Por norma, vêm em embalagens de papel, com a madeira ainda ligada na parte superior, exigindo um pequeno esforço para a separação. Mas muitos restaurantes disponibilizam já um elástico comum que, após aquela separação, pode ser enrolado nessa ponta, de modo a facilitar o seu manuseamento, para quem não domine essa arte. Para os expert os fachi originais são maiores e muitas vezes de plástico de qualidade ou mesmo de marfim.

Amílcar e Amélia nem hesitaram e pediram os pauzinhos. Apesar de ambos serem dextros, experimentaram com ambas as mãos. O

funcionamento era simples e perfeito. Os pauzinhos posicionavam-se de moto próprio corretamente entre os dedos, apertando os bocados de comida que levavam à boca. Especialistas, diriam os chineses e japoneses que os observavam de soslaio. Habitues, diriam os outros clientes que tinham o privilégio de estarem nas mesas mais próximas.

De regresso a casa, apesar do abandono excepcional da dieta diária, continuavam a sentir-se leves e flutuantes sobre o caminho, percorrendo cerca de quilómetro e meio em poucos minutos. À entrada do prédio, Amílcar tropeçou no degrau e estatelou-se no chão de mármore. Com um bocado de sorte não bateu com a cara no chão ficando apenas com as mãos sujas e o pé de embate dorido e a manquejar. Amélia teve pior sorte. Ao entrar no elevador, tropeçou também, batendo com a cara no corrimão. Um dente partido e uma bochecha a inchar rapidamente. Qualquer coisa acontecera, que os deixara, tal como dantes, normais e meio desastrados.

Chegado ao andar do seu apartamento, junto da porta, um prospeto A4, profusamente colorido e ilustrado, que dizia:

“A nossa fibra é a melhor e a mais rápida e a que assegura maior e constante velocidade. Face à concorrência, oferecemos os melhores pacotes de televisão, telefone e internet. Porém, após a termos instalado em sua casa, não diligenciou pela assinatura de contrato depois do teste experimental gratuito, que acabou de expirar. “Observações: não nos responsabilizamos por eventuais efeitos colaterais que a nossa fibra provoque, sobretudo quando inadvertidamente ingerida – menção obrigatória por força da diretriz dos Serviços de Saúde”.

Perante o sucedido, Amílcar e Amélia resolveram ir fazer o contrato a um Centro Comercial, mesmo a coxear e doridos. Com o contrato receberam um Manual de instruções para aprenderem a potenciar e, ao mesmo tempo,

controlar os efeitos colaterais. E conseguiram estabilizar a sua vida em quase todos os aspetos. Apenas um continuava por resolver e, muitas vezes a fazê-los perder o sono. Era quando faziam amor. Os corpos ganhavam uma luminosidade esverdeada e ficavam transparentes, mostrando órgãos, sangue, ossos e tudo o mais que por lá havia... Até aprenderem a usar uma máscara e imaginarem um diferente amante de cada vez. E assim viveram felizes, para todo o sempre, enquanto se manteve a fibra (ótica)!

Avelino Rosa
Odivelas, 22-02-2015